



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA



Jeferson Rubens Martins Silva

Relações sociais e Espaços de lazer de jovens pobres em Picos nas décadas de 1970 e 1980.

PICOS- PI
2021

JEFERSON RUBENS MARTINS SILVA

Relações sociais e Espaços de lazer de jovens pobres em Picos nas décadas de 1970 e 1980.

Monografia de conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientadora: Prof. Ms. Ana Paula Cantelli Castro

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

S586r	<p>Silva, Jeferson Rubens Martins Relações sociais e espaços de lazer de jovens pobres em Picos nas décadas de 1970 e 1980 / Jeferson Rubens Martins Silva – 2021.</p> <p>Texto digitado Indexado no catálogo <i>online</i> da biblioteca José Albano de Macêdo- CSHNB Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.</p> <p>“Orientadora: Profa. Ms. Ana Paula Cantelli Castro”</p> <p>1. Memória. 2. Sociabilidade. 3. Lazer. 4. Espaços. 5. Vida. I. Castro, Ana Paula Cantelli. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 302.4</p>
--------------	---

JEFERSON RUBENS MARTINS SILVA

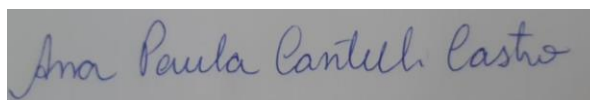
Relações sociais e Espaços de lazer de jovens pobres em Picos nas décadas de 1970 e 1980.

Monografia de conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientadora: Prof. Ms. Ana Paula Cantelli Castro

Aprovada em: 04 \ 02 \ 2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Ana Paula Cantelli Castro.

Orientador



Dra. Olivia Candeia Lima Rocha

Examinador



Dr. José Maria Vieira de Andrade

Examinador

AGRADECIMENTOS

Nesta longa jornada, quero agradecer em primeiro lugar à Deus, pois sem Ele não sou nada. Sempre que fraquejei, mas a mão DELE me sustentou durante toda a minha vida, e em especial na longa jornada da educação. Não podia deixar de agradecer também à minha família que sempre teve paciência com meus estudos e meus estresses, cada um foi como um anjo em minha vida.

À minha irmã, que é praticamente a minha segunda mãe, que foi me buscar na escola no meu primeiro dia de aula e que se eu tirasse nota baixa ela apanhava, meus sinceros agradecimentos. Quero agradecer também a minha mãe, que mesmo em condições não tão favoráveis, sempre sustentou que o estudo era prioridade na minha vida e na vida de minha irmã. Ao meu pai, que mesmo sem muitos estudos, sempre acreditou em mim e na minha irmã, buscando a gente sempre na escola, um homem que me ensinou os valores da vida.

Não podia deixar de agradecer a mim mesmo, pois se eu não quisesse e não me esforçasse eu não estaria onde estou. Minha persistência nos estudos foi primordial para ser alguém na vida. Também quero agradecer a todos os meus entrevistados: Francisco Antônio da Silva, Maria Rodrigues Martins Silva, Albina Rodrigues Martins, Antônio José da Silva (In memoriam), Maria da Purificação da Conceição, José Trajino dos Santos, Lúcia Maria da Silva e Pedro Rodrigues Martins, meus sinceros agradecimentos pela paciência e disposição.

Quero agradecer também a Universidade Federal do Piauí por me dar todo o apoio necessário, uma boa alimentação a um preço de 0,80 centavos, um bom espaço no refeitório, bom espaço físico e transporte gratuito que me busca e me deixa perto de casa, fazendo com que eu não dependa dos ônibus pagos.

A alguns professores: Raimundo Nonato Lima dos Santos, primeiramente pelos dois anos de vivência no Teatro TEMPUS, ao qual descobri um gosto especial pelas artes e que me ensinaram muitas coisas valiosas que irei levar para a vida. Também quero agradecer pelo seu empenho e dedicação pelos quase dois anos que estive à frente da Residência Pedagógica (RP) que contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

Meus agradecimentos também a Mara Gonçalves de Carvalho. Primeiramente pela disciplina de História Moderna I, ao qual pela primeira vez pude apresentar um seminário sem pressão, pois a sua presença me passou a confiança necessária. Segundamente, agradeço pelo empenho, dedicação e pelos puxões de orelha que foram necessários na Residência Pedagógica

(RP) na escola CETI Marcos Parente. Foi muito importante para a minha formação enquanto homem e professor, meus sinceros agradecimentos.

A Ana Paula Cantelli Castro, minha orientadora, agradeço por abraçar este projeto, desde a disciplina de História e Memória até a monografia. Agradeço por me ajudar a democratizar a história que o método da história oral tanto traz.

Agradeço também aos colegas alunos tanto da história, quanto de outros cursos que direta ou indiretamente me ajudaram no decorrer do curso, minha gratidão a todos vocês.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como se dava a sociabilidade entre jovens pobres na cidade de Picos nas décadas de 1970 e 1980, identificando quais os locais que eles mais frequentavam afim de demonstrar como eram diversificados. Para isso, utilizaremos uma pesquisa de campo com entrevistas de cidadãos que viveram as referidas décadas na cidade de Picos. Com isso, utiliza-se a metodologia da história oral, e por meio de suas memórias, analisar as rupturas e continuidades. Foi possível analisar condições diversas de jovens que viveram em Picos nas referidas décadas, justapondo uma heterogeneidade, especialmente no que diz respeito à relação lazer, espaço, trabalho, assim como na percepção de fuga a conduta de bom cidadão, a jovens boêmios nos bares, jovens que gostavam de festas desde carnaval, São João, etc. E jovens mais recatados tendo em vista, também, suas condições socioeconômicas.

Palavras-chave: Memória. Sociabilidade. Lazer. Espaços. Vida.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how sociability occurred among poor young people in the city of Picos in the 1970s and 1980s, identifying which places they frequented the most in order to demonstrate how diverse they were. For this, we will use a field survey with interviews of citizens who lived the referred decades in the city of Picos. With that, the methodology of oral history is used, and through its memories, to analyze the ruptures and continuities. It was possible to analyze the diverse conditions of young people who lived in Picos in the aforementioned decades, juxtaposing heterogeneity, especially with regard to the relationship of leisure, space, work, as well as in the perception of escape, the conduct of a good citizen, to young bohemians in bars, young people who liked parties since carnival, São João, etc. And more modest young people, also considering their socioeconomic conditions.

Keywords: Memory. Sociability. Recreation. Spaces. Life.

Lista de imagens

Fotografia 01: Jovem jogando sinuca no Bar do Pipoca.....	25
Fotografia 02: Local onde era a sede da discoteca “Lá em Casa”	33
Fotografia 03: Jovens reunidos no Trópico	34
Fotografia 04: Local onde se localizava o Bar Trópico.....	35
Fotografia 05: Jovens reunidos no Salão de festas conhecido como Casarão.....	36
Fotografia 06: Mais jovens reunidos no Casarão.....	37
Fotografia 07: Sede do Casarão dá espaço para um estacionamento.....	37
Fotografia 08: São João na sede 13 de Maio, do Seu João, no Bairro Morada do Sol em julho de 1987.....	39
Fotografia 09: Família reunida no seu quiosque durante uma Vaquejada no Bairro Parque de Exposições, Picos-PI.....	43
Fotografia 10: Fachada do cinema Cine Spark.....	45

Sumário

Considerações iniciais.....	10
Capítulo I- A cidade dos homens: Sociabilidade masculinizada em Picos	21
1.1 Futebol.....	22
1.2 Os bares.....	24
1.3 Os ambientes.....	27
Capítulo II- Onde mulheres e homens sociabilizavam	31
2.1 O Rio Guaribas.....	31
2.2 O Bar do Evaldo.....	31
2.3 As danceterias.....	32
2.4 Festas.....	38
Capítulo III- A cidade dos trabalhadores: Os jovens, o trabalho e suas vidas.....	42
Considerações finais.....	47
Fontes orais.....	48
Sites.....	48
Referências.....	49
Homagem.....	50

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história oral tem uma grande importância na preservação e manutenção da memória. Portelli, em “História Oral e Poder”, versa o porquê de se utilizar a história oral. Para ele, a oralidade é democrática, sendo que alguns métodos de se escrever história excluem alguns indivíduos, mas a oralidade todos dominam. Segundo Portelli:

Então, quando buscamos fontes orais, as buscamos em primeiro lugar porque na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todos os que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público. Buscamos fontes orais porque queremos que essas vozes – que, sim, existem, porém, ninguém as escuta, ou poucos as escutam – tenham acesso à esfera pública, ao discurso público, e o modifiquem radicalmente.¹

Trata-se de trabalhar sociabilidade e espaços de lazer dos jovens pobres, na cidade de Picos, localizada no centro-sul do Piauí, com recorte temporal nas décadas de 1970 e 1980. Uma das motivações para esta escrita, deste trabalho é a visão negligenciada de como não é visibilizada a presença das camadas populares na história, esta que é contada a partir da perspectiva das elites.

Os estudos sobre Picos não são diferentes, isso porque algumas pesquisas que falam sobre a juventude na referida urbe em algumas décadas passadas, descrevem uma cidade na qual havia algumas maneiras de diversão para a juventude, tendo como as principais fontes pessoas influentes- ou os seus filhos- da cidade naquela época. Fica perceptível com essa análise, a noção de jovens homogêneos, que saíam geralmente aos domingos depois da missa, e circulava na praça Félix Pacheco e dali iam pras festas no picoense clube ou AABB, ou iam para as chamadas tertúlias^{2, 3}.

Alguns estudos como o da dissertação da historiadora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira: “A Praça Félix Pacheco, nesse sentido, era um campo de atração dos jovens no espaço da

¹ PORTELLI, A. “História Oral e Poder”. **Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH**. Fortaleza, CE, 13.07.2009. p. 7

² Essas festas aconteciam nas casas de algumas famílias, onde se reuniam rapazes e moças, em um momento de descontração. P, 81

³ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. **A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960**. Teresina: UFPI, 2014. [Dissertação (mestrado em história do Brasil) - Universidade Federal do Piauí, 2014.] e CARVALHO, Mara Gonçalves de. **Picos: história, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970)**. Teresina: UFPI, 2015. (Dissertação de Mestrado em História do Brasil – Universidade Federal do Piauí).

cidade. Era ali onde se experienciava grande parte das práticas juvenis, desde o encontro com os amigos aos namoros nos bancos da praça.”⁴

E também da dissertação de Mara Gonçalves de Carvalho:

Nesse contexto dois clubes vão se destacar na cidade são eles: Associação Atlética Banco do Brasil – AABB, fundada na década de 1960, com o intuito de possibilitar o lazer e a sociabilidade da classe média alta da cidade, e o Picoense Clube que apesar de privado era um dos principais espaços de diversão da cidade.⁵

No entanto, em conversas com parentes que eram jovens nessa época, com idades mais ou menos de 15 a 27 anos, outras maneiras de lazer aparecem nas lembranças: Tais como os “ambientes”⁶, o “Tropico”⁷, “Casarão”⁸, a discoteca “Lá em casa”⁹, etc.

Os surgimentos desses outros lugares significam, para este trabalho, uma ampliação da cidade de Picos, no que se refere a sociabilidade e espaços de lazer, mostrando que a cidade não era apenas alguns pontos da cidade. Tais espaços anteriormente descritos eram, para os entrevistados, locais de intensa sociabilidade deles e de muitos jovens picoenses nas décadas de 1970 e 1980.

Ao pensar nas juventudes, segundo o autor Juarez Dayrell¹⁰, temos uma visão arraigada do que é ser jovem, sendo definida como alguém que ainda vai se tornar, ou seja, um período transitório para a vida adulta, ou sua imagem ligada a crises com a família, envolvidos em atividades culturais, etc.

Ser jovem não se limita a uma imagem pré-concebida, analisando assim não a “juventude”, mas as “juventudes”, ela é representação e condição social. Entretanto, apesar dos jovens aqui selecionados pertencerem a uma mesma camada social, não significa que existia um mesmo modo de ser jovem, mas modos diversos de serem jovens e de exercerem as suas sociabilidades.

Dessa discussão, entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma

⁴ ÍNGRID P,63

⁵ GONÇALVES. P, 72

⁶ Ambientes- Casas de prostituição

⁷ Tropico- Casa de festas

⁸ Casarão- Casa de festas

⁹ Lá em casa- Discoteca dançante

¹⁰ DAYRELL, Juarez. Juventude e contemporaneidade. – Brasília: Unesco, MEC, ANPEd, 2007. 284 p.- (coleção Educação para Todos; 16). P.155

importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona.¹¹

Falar de juventude, é entender os jovens como sujeitos sociais, pois, segundo Charlot (2000): “... lembra ainda que a essência originária do indivíduo humano não está dentro dele mesmo, mas sim fora, em uma posição excêntrica, no mundo das relações sociais. Trata-se da outra face da condição humana a ser desenvolvida: a sua natureza social”¹².

Os autores descritos anteriormente nos ajudam a analisar uma juventude de um determinado tempo histórico e com base nas condições sociais-jovens pobres de Picos nas décadas de 1970 e 1980. Ao analisarmos, perceberemos que os oito jovens são heterogêneos e se distanciam de visões estereotipadas do que se refere ao é ser jovem.

O objetivo deste trabalho é entender como se dava a sociabilidade entre jovens de baixa renda na cidade de Picos e de que forma essa população obtinha lazer e quais locais frequentavam com mais frequência para ver os amigos, namorar, etc. Mostra outras memórias de moradores de Picos dessa época sobre o lazer e, a partir de tais relatos, compreende-se uma cidade com sujeitos heterogêneos, e dessa forma, reconhece esses outros indivíduos como sendo também sujeitos históricos dando suas contribuições através da memória.

Para poder entender como se dava esse lazer/sociabilidade desses jovens na cidade de Picos nas décadas de 1970 a 1980, utilizaremos a metodologia da história oral. Nesse caso, a fonte oral é a base deste trabalho, com o objetivo de dialogarmos com o passado e desta forma apresentarmos outras memórias de jovens picoenses, de como faziam para obter lazer e quais os locais que mais frequentavam.

Como citado anteriormente, o tempo é fator determinante na preservação da memória do indivíduo. Durante algumas entrevistas, pode-se perceber na prática o que Portelli explica sobre como o tempo é fator determinante na preservação da memória, crescendo e diminuindo, pois foi comum escutar dizeres como: “isso eu não lembro bem...”, “espera aí, eu acho que eu lembro...”, “já faz muito tempo... se você perguntar ao seu pai talvez ele lembre”. Já outros entrevistados não tiveram problemas em resgatar algumas memórias indagadas, respondendo-as instantaneamente.

O que motiva a escrever sobre o tema é a busca por uma ampliação da história picoense no que se refere às formas de lazer e sociabilidades e, através da história oral, escutar a voz daqueles sujeitos negligenciados, ou pouco ouvidos na história, mostrando uma nova versão no

¹¹ DAYRELL, p. 158

¹²CHARLOT, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artemed, 2000. P. 159

que tange ao lazer e aos espaços de sociabilidade e, desmitificando a ideia de uma cidade muito bela, de jovens iguais e que só tinham alguns modos de lazer.

E além disso, buscar em alguns comportamentos que divergiam totalmente da conduta de bom cidadão imposto à época, ou seja, do cidadão comportado. É o caso de um dos entrevistados, o Antônio José da Silva, mais conhecido pela alcunha de ‘Piauí Ecologia’, cidadão picoense que naquela época era acusado de ser “traquino” por usar maconha e pensar diferente das demais “cabeças” da época. Ou ainda o Francisco Antônio da Silva que gostava de frequentar os ambientes da cidade.

Como metodologia para este trabalho, foi utilizado fontes orais por intermédio de entrevistas gravadas e de memória de cidadãos picoenses que viveram suas juventudes nas décadas de 1970 e 1980. A seleção dos entrevistados se deu por faixa etária e condição social que tinham nas referidas décadas. Foram entrevistadas 8 pessoas de diferentes bairros: Junco, bairro São José, Centro, Passagem das Pedras e Comunidade Conselhos -Sussuapara- esta que era um distrito de Picos antes da sua emancipação política pela Lei Estadual nº 4810, de 14-12-1995.

Dos entrevistados para essa pesquisa, quatro fazem parte das minhas duas famílias. Estão aqui, principalmente, porque foi por meio de conversas informais com eles que passei a questionar uma visão sobre a juventude em Picos. Passei a buscar entender mais sobre como se dava as sociabilidades de jovens pobres em Picos nas décadas de 1970 e 1980.

Os entrevistados foram: Francisco Antônio da Silva tecelão aposentado das Indústrias Coelho. O escolhi primeiramente por ser o meu pai, fato esse que me propiciou, desde jovem, conhecer a sua história de luta desde cedo no trabalho, muito motivado pela sua mãe, Maria Madalena, que queria que os seus filhos trabalhassem cedo. Inicialmente, Francisco trabalhou como jardineiro em casa de família e posteriormente como trabalhador de fábrica. Foi morador da Rua 3 de Maio, no Centro de Picos, e atualmente mora no Bairro São José. As entrevistas aconteceram no Bairro São José nos anos de 2019 e 2020. Durante a sua entrevista, o mesmo relatou com clareza as indagações feitas por mim.

Maria Rodrigues Martins, foi tecelã das Indústrias Coelho. A selecionei para a entrevistas primeiramente por ser a minha mãe, e também conhecer a origem humilde, a qual viveu com sua família no Bairro São José, onde reside atualmente. O trabalho foi algo presente em sua vida desde cedo. A entrevista aconteceu no bairro São José, em 2019. Durante o diálogo, demonstrou calma e tranquilidade ao relembrar a sua entrevista.

Maria da Purificação da Conceição é trabalhadora de serviços gerais na Universidade Federal do Piauí, onde a conheci. A selecionei para entrevista por indicação de minha

orientadora, Ana Paula. Utilizei a sua entrevista por sua vida ser coerente com a proposta deste trabalho. A “Dona Puri” como é conhecida, residia em sua juventude no Bairro Centro de Picos onde trabalhava como doméstica, cuidando de uma criança recém nascida. Atualmente reside no Bairro Parque de Exposições, em Picos. A entrevista aconteceu em 2019, na Universidade Federal do Piauí, Campus Picos, durante o intervalo de seu trabalho. Demonstrou muita calma ao rememorar as suas memórias.

Antônio José da Silva (In memorian), também conhecido como ‘Piauí Ecologia’, foi um artesão e alguém que vivia a vida com liberdade. O conheci por ser o meu tio, que eu sempre ouvia falar de suas histórias de traquinagens, mas que não tinha memória dele pelo simples fato de, quando o vi pessoalmente, eu era muito criança. Resolvi selecioná-lo para a entrevista por dois motivos: o primeiro é a sua origem pobre e ter vivido parte de sua juventude em Picos, o segundo motivo era o fato que o tornava uma figura singular, o modo diferente de pensar e enxergar o mundo desde jovem. Modo de pensar que levou até o fim de sua vida em 2020. Foi morador da Rua 3 de Maio no Centro de Picos. A entrevista aconteceu no ano de 2019, em sua residência, que o mesmo chamava de “barraco”, no morro da Mariana, em Picos. Mostrou-se muito inquieto e revoltado ao rememorar a sua história.

Albina Rodrigues Martins, que conheci por ser a minha tia, o que também me levou a conhecer o seu passado humilde no Bairro São José. Esta que desde cedo sempre batalhou na dificuldade, mas nunca tirou o sorriso do rosto. O que me levou a escolhê-la para a entrevista foi, além da sua boa memória, o fato dela ser “desenrolada” com as palavras. Atualmente reside no interior do município de Vera Mendes- PI. A entrevista aconteceu no Bairro São José, em 2019. A entrevistada demonstrou muita calma ao rememorar as suas vivências de juventude.

José Trajino dos Santos, trabalhador da roça, o conheci quando estava no trabalho de campo junto com o professor Rodrigo Geró, no povoado Conselhos, em Sussuapara, que na referida época fazia parte da Cidade de Picos. Nisso, resolvi inseri-lo no trabalho pelo fato de seu passado cheio de ricas memórias acerca da sua juventude naquela época. Atualmente reside no mesmo povoado. Durante a sua entrevista, no ano de 2019, em Conselhos, Sussuapara, demonstrou alegria e entusiasmo ao falar de suas vivências enquanto jovem.

Pedro Rodrigues Martins, o escolhi por sua origem humilde e resolvi inseri-lo nesta monografia pelos seus relatos acerca principalmente das festas na cidade que frequentava na sua juventude. Atualmente reside no bairro São Vicente, em Picos. A entrevista se deu no bairro São Vicente, em Picos, no ano de 2017. Durante a sua entrevista demonstrou calma e tranquilidade ao relembrar as suas histórias.

Lúcia Maria Silva, Dona de casa. Esta que resolvi entrevista-la pelo fato de conhecer a sua origem humilde, esta que era domestica em casa de família, trabalhando muito desde muito jovem e pouco se divertindo. Morou no bairro Centro e atualmente reside no Bairro Passagem das Pedras. A entrevista aconteceu no ano de 2021, no bairro Passagem das Pedras. A mesma apresentou calma durante a entrevista.

Metodologicamente, as entrevistas aconteceram no formato semiestruturada, de forma dialogada, que propiciou aos entrevistados uma maior tranquilidade para relembrar as suas memórias.

É de suma importância entendermos a história como sendo dos múltiplos sujeitos, independente de gênero, cor ou classe social. Ela é de todos, e todos devem participar e nela oferecer a sua contribuição para uma maior democratização da história, neste caso, utilizando-se da história oral através das memórias de jovens trabalhadores picoenses que viveram suas juventudes nas décadas de 1970 e 1980.

Entre os autores que se dedicam a pensar as formas de sociabilidades dos picoenses, destaca-se a dissertação de Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira, em sua dissertação intitulada: “A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960”¹³, apesar do foco ser um pouco diferente do objetivo desta monografia, apresenta as representações do ser mulher na cidade, analisando as experiências femininas nas décadas de 40 a 60. Mas a mesma também retrata e traz à tona sociabilidades e espaços de lazer da juventude na cidade de Picos naquelas referidas décadas, o que interessa para a construção deste trabalho que lida com fontes orais. Apesar dos entrevistados dessa dissertação serem de classes sociais distintas, notamos alguns lugares em comum, algumas sociabilidades.

No terceiro capítulo de sua dissertação de mestrado, intitulado “As jovens, o lazer e a sociabilidades”, a autora fala de alguns dos locais, que os jovens que foram por ela selecionados, mais frequentavam. Na cidade de Picos, apresenta Karla Ingrid, existiam alguns tipos de espaços de sociabilidade, como a Igreja católica, a praça Félix Pacheco- esta após as missas- o antigo Cinema de Picos conhecido como Cine Spark. Ao longo de sua dissertação, a autora cita alguns clubes como não sendo frequentado por todos os jovens. Ademais: “O Picoense Clube era um espaço de lazer privado, com isso as festas eram frequentadas somente por sócios e por aqueles indivíduos que podiam pagar.”¹⁴

Lucia Maria Silva, filha de lavadeira e jovem naquela época, que por volta de seus 18 anos trabalhava de domestica na casa do Dr. Zé Martins, desde a sua juventude até a

¹³ ÍNGRID. P.83

¹⁴ ÍNGRID. p.83

aposentadoria. Ela conta um relato ao qual foi barrada na porta do Picoense Clube junto com uma amiga pelo porteiro Zé Vitor, conhecido como Seu “Zezim”. Porém, um comerciante conhecido popularmente como ‘Zé do Alho’, indagou o porteiro e então conseguiu que Lúcia e sua amiga adentrassem ao Picoense Clube: “Foi assim, fui eu e outra colega minha... Aí não que a gente não ia entrar não. Ai Zé do Alho disse: ‘por que que elas não vão entrar? Por que elas trabalham em casa de família?’ aí o porteiro disse: ‘nam que num sei o que...’ aí nós entramos porque Zé do Alho falou.”¹⁵

É notável de se pensar que a mesma não adentrou a festa porque não era sócia. Porém, outras pessoas -que não eram sócias- adentraram ao clube e a mesmas -Lúcia e sua amiga- que trabalhavam como domésticas foram barradas por conta da sua classe social. Lúcia Maria completa: “Por que disse que antigamente o Picoense só era sócio, aí Zé do Alho foi quem disse assim, porque na festa estava entrando outras pessoas: ‘Porque elas não podem entrar? Porque elas trabalham em casa de família? Pois elas vão entrar sim!’ Aí nós entramos.”

Outro espaço de sociabilidade, mas que nem todos participavam, sendo frequentado por apenas alguns jovens de elite, que era a AABB: “Entretanto, existia a Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), espaço de lazer e sociabilidade da classe média e alta, que também funcionava longe do centro de Picos.”¹⁶

Atualmente o Picoense Clube abrange festas privadas de cantores locais e nacionais, e não para sócios, sendo necessário apenas um ingresso. Já a AABB continua sendo um local de sócios, mas que abrange não sócios para aproveitar o lazer. Banhar na piscina do clube e aproveitar o campo de futebol e as quadras é necessário pagar uma taxa.

Para os jovens menos abastados, existia o Círculo Operário, este que segundo a mesma era bem frequentado pelos jovens mais pobres da cidade de Picos, que segundo a autora, se apresentavam os mesmos conjuntos que tinham no Picoense Clube:

Entretanto, os jovens de baixa renda também tinham seus espaços próprios de lazer e sociabilidades. Existia o Círculo Operário, um espaço construído pelos trabalhadores e que constantemente promovia festas. Os jovens que compunham a camada pobre da sociedade eram frequentadores do Círculo Operário, pois o ingresso de entrada era mais barato, portanto mais acessível.¹⁷

¹⁵ Entrevista cedida por Lúcia Maria Silva para Jeferson Rubens no dia 2 de janeiro de 2021

¹⁶ ÍNGRID, p.84

¹⁷ ÍNGRID, p.84

Alguns entrevistados, como o Francisco Antônio e a Maria Rodrigues nos falam sobre esse lugar ao serem indagados se sabiam da existência do Círculo Operário. Francisco, ao ser questionado, lembra que já foi às festas do Círculo Operário, porém não se recorda onde se localizava e não fala muitos detalhes, pois não se recorda devido a ação do tempo: “Já, eu ia pra todos, Círculo Operário, trópico, Casarão... Era festa normal... Círculo Operário...onde era não estou me recordando não.” Quando entrevistado inicialmente, Francisco não relata de primeiro o Círculo Operário, mas depois de o indaga-lo, o mesmo se recorda, mas não demonstrou tanto entusiasmo quanto ao falar dos ambientes, do Casarão e da Discoteca “Lá em Casa”, por exemplo.

Já Maria Rodrigues nos traz um relato importante de onde se situava esse local de festas denominado “Círculo Operário”. Ao ser indagada se sabia da existência e se frequentava, ela nos relata: “Não, era lá no Junco, entrando ali onde era o Machado¹⁸, acho que não existe mais não, faz é tempo.” Ou seja, talvez para Maria, esse local que, não era frequentado pela mesma, não a interessava muito.

É importante salientar que a memória ao longo do tempo sofre alterações, porque a memória humana sofre acréscimos e decréscimos com o decorrer dos anos. Segundo Alessandro Portelli em seu artigo “O momento de minha vida: Funções do tempo na história oral” o tempo influencia diretamente na memória, com acréscimos e decréscimos, podendo causar mudanças nos resultados do trabalho com a metodologia de história oral, segundo Portelli:

Os mitos mudam, apesar de seus donos os perceberem como imutáveis, justamente porque a tarefa deles é mostrar que é possível resistir à mudança do tempo. As histórias de vida e os relatos pessoais dependem do tempo, pelo simples fato de sofrerem acréscimos e subtrações em cada dia da vida do narrador.¹⁹

Ainda no tocante ao tempo, Portelli nos esclarece que nenhuma entrevista é totalmente igual a outra, pois quando se entrevista a mesma pessoa por mais de uma vez, outras memórias aparecem e outras subtraem pela ação do tempo. Por isso, algumas dúvidas foram esclarecidas posteriormente, e, com o surgimento de outras, mais encontros surgiram afim de sanar dúvidas que apareceram ao longo deste trabalho.

Das décadas de 1940-1960 até o recorte temporal aqui analisado, décadas de 1970 e 1980 a cidade de Picos cresceu muito, fato que é analisado pela historiadora Mara Gonçalves,

¹⁸ Colégio Machado de Assis- Unidade Junco, localizado na Av. Senador Helvídio Nunes, bairro Junco de Picos.

¹⁹ PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida: funções do tempo na história oral”.

em sua dissertação intitulada: “Picos: História, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970)” nos apresentam as mudanças no cotidiano da cidade. Dessa forma, cidade expandiu-se, aumentando assim não apenas a população total, mas também os locais de sociabilidade.

Nas entrevistas realizadas para a realização desta monografia veremos alguns lugares que divergem desses locais e alguns que convergem aos descritos na dissertação de Karla. Entre os locais que convergem, está o Bar do Pipoca, localizado em frente à Praça Félix Pacheco. Como dito anteriormente, a pesquisa de campo, ao entrevistar pessoas pobres que viveram nas décadas de 1970 e 1980 busca ampliar a história picoense através da memória dos entrevistados, corroborando assim para uma maior democratização.

Ao escutar a voz dessas pessoas pobres financeiramente, temos alguns deveres que, segundo Portelli: “É a responsabilidade, a primeira responsabilidade é a de representar os entrevistados com sua linguagem, com sua subjetividade, é a de apresentá-los de uma maneira que eles queriam aparecer na esfera pública.”²⁰

Ao realizar esta arte do diálogo e da paciência que são as entrevistas, podemos notar que os sujeitos entrevistados demonstram uma heterogeneidade no tocante a questão da sociabilidade, na diversão, consumo de bebidas, visitas aos ambientes, estes locais por sinal estão inseridos também em uma questão de saúde pessoal e pública.

A história oral como metodologia de pesquisa, é importante não apenas para o campo historiográfico, mas servindo a outros profissionais, como a antropólogos, jornalistas, sociólogos, etc., por exemplo, o que mostra a sua grande importância. Segundo o sociólogo Paul Thompson, que debate em seu livro denominado “A voz do passado” a história oral tem uma grande contribuição que é servir a múltiplas áreas dentro da própria história, como a história econômica com relatos de operários- sobre suas vidas e experiências de trabalho- mineradores acerca do seu dia-a-dia nas minas, buscando assim uma ampliação no que tange aos diversos ramos da história.

Outro aspecto importante para o autor no que se refere a importância da história oral, é que ela é importante na medida de que as fontes escritas não são suficientes, pois os documentos não abrangem tudo. Desta forma, a história oral passa a ser importante, não como um complemento, mas se tornando um método nitidamente valioso. Thompson, no que se refere a isso diz: “A documentação escrita, ainda que por certo presente, é muito menos rica do que a

²⁰ PORTELLI, A. “História Oral e Poder”. Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH. Fortaleza, CE, 13.07.2009. p. 7

de sociedades que se tornaram letradas mais cedo, enquanto o material de fontes orais é abundante.”²¹

Isso nos ajuda e enxergar a importância dos entrevistados aqui citados. Nesta monografia, as indagações aqui propostas não podem ser respondidas somente através de fontes escritas, mas se torna importante o uso da história oral através de entrevistas em que os sujeitos apresentam os seus relatos sobre como era ser jovem pobre em Picos nas décadas de 1970 e 1980.

A história oral, entre suas diversas funções é, segundo Éder da Silva Silveira: “É dar espaço aos sujeitos anônimos da História na produção e divulgação dessa, procurando articular suas narrativas aos contextos e elementos do(s) objeto(s) em pesquisa”.²²

Concomitantemente a sua importância, também existem desafios que são impostos à história oral no século XXI. Philippe Joutard explica que, com uma maior aceitação dessa metodologia nos círculos acadêmicos mais tradicionais, ou seja, com sua maior maturidade, há riscos de perder a sua vitalidade. Um dos desafios impostos à história oral no século XXI, para o autor, é manter-se fiel às inspirações iniciais que as moveram inicialmente.

Nesse sentido, para isso, ele elenca três fidelidades como sendo fundamentais para se manter fieis às inspirações iniciais: “Ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; trazer à luz as realidades "indescritíveis", quer dizer, aquelas que a escrita não consegue transmitir; testemunhar as situações de extremo abandono.”²³

Ao longo dessa monografia, é cumprido o primeiro desafio, ao escutar a voz de pessoas esquecidas, ou pouco vistas na história, ao escutar pessoas de baixa renda em Picos e quais locais mais frequentavam na cidade, visto que outros trabalhos são escutados vozes de pessoas mais ricas financeiramente. Na segunda fidelidade, podemos perceber nas entrevistas que os relatos orais trazem descrições que o escrito não traz, ou seja, o mundo cotidiano. É de suma importância entendermos que todos os indivíduos de uma sociedade fazem parte da história e que devem dar a sua contribuição para o enriquecimento da mesma. Nas palavras de Joutard: “tudo que é humano, é nosso...”²⁴

²¹ THOMPSON, Paul, 1935- “A voz do passado/ história oral/ Paul Thompson”; 2ª edição, Lólio Lourenço de Oliveira- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. P. 119

²² SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e memória**: pensando um perfil de historiador etnográfico. MÉTIS: história & cultura – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007 JOUTARD, Philippe, História Oral: Desafios para o século XXI

²³ ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available from SciELO Books.P. 33

²⁴ ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available from SciELO Books. P.33

Junto a ele, Alessandro Portelli diz que a questão do diálogo se torna de suma importância pra uma igualdade dentro da história oral, pois, para ele, há uma necessidade de renovação deste diálogo, que é a essência de um desafio para a história oral no século XXI: “Essa questão significa, novamente, a luta por igualdade. Não há diálogo quando não há igualdade. Assim, para ter diálogo, precisamos continuar a lutar por igualdade. E não há identidade onde não há igualdade”.²⁵

Esta monografia tem como objetivo também buscar compreender como se davam as sociabilidades e quais os espaços de lazer de jovens pobres na cidade de Picos no recorte temporal das décadas de 1970 e 1980, entendendo que estes são também autores não apenas de sua própria história, mas da própria história em si. Para isso, a utilização da história oral por intermédio de entrevistas gravadas na cidade de Picos, foi de grande importância para compreendermos mais ainda como era a vivência da cidade. Além das entrevistas, as valiosas fotografias obtidas com este trabalho também corroboram na compreensão de como era a vivência naquela época.

No primeiro capítulo, denominado: “A cidade dos homens: Sociabilidade estritamente masculinizada em Picos”, será abordado como se dava as sociabilidades e quais os espaços de lazer que esses homens entrevistados mais frequentavam em Picos entre as décadas de 1970 e 1980, bem como fotografias de alguns desses locais e dos jovens participantes.

No segundo capítulo, denominado: “Onde mulheres e homens se juntavam”, será abordado locais em que o público masculino e feminino interagiam em alguns espaços de lazer em comum, bem como fotografias desses locais.

No terceiro capítulo, denominado: “A cidade dos trabalhadores: Os jovens, o trabalho e suas vidas”, irá falar mais sobre a vida e o trabalho desses jovens, afim de entendermos melhor em que situação esses sujeitos se encontravam no período aqui analisado, bem como algumas fotografias.

²⁵ ALBERTI, P. 70

CAPÍTULO I: A CIDADE DOS HOMENS: SOCIABILIDADES MASCULINIZADAS EM PICOS

*“Se buscamos palavras, é porque o direito mais fundamental é o direito de falar e de querer ser escutado”
(Alessandro Portelli)*

Nas décadas de 1970 e 1980, a cidade de Picos oferecia uma série de espaços de lazer e os jovens trabalhadores usavam vários desses espaços dos mais diversos para o lazer bem definidos, como os masculinizados como os cabarés, bares e futebol nos terrenos baldios, principalmente na beira do Rio Guaribas, até locais que a sociabilidade entre gêneros aconteciam, como as festas em diversos locais. Nota-se também um forte saudosismo nas entrevistas às referidas épocas aqui citadas. Tentaremos entender como se dava a sociabilidade na cidade de Picos, nas décadas de 1970 e 1980, buscando identificar os principais locais que esses jovens pobres iam para se divertir, namorar, etc.

Durante as entrevistas realizadas, pode-se perceber que houve algumas rupturas e continuidades no ser jovem em Picos. Segundo os entrevistados selecionados, naquela época ainda era comum a diversão, mesmo que já com uma certa idade, de brincadeiras como o futebol em terrenos baldios e na beira do Rio Guaribas. Nota-se também que as festas, eram um dos principais meio de sociabilidade da juventude, com locais distintos, desde discotecas a festas nos interiores, alguns próximos ao perímetro urbano de Picos.

Também ficou perceptível locais de sociabilidade e de lazer que eram mais voltados para o público masculino, quase não tendo presença de público feminino nesses locais. Posteriormente, notamos alguns locais que os gêneros interagem entre si, no público ou no escondido, como os namoros no Rio Guaribas.

Alguns desses entrevistados empreenderam críticas a sociedade atual, no tocante a diversão e a mudança nas relações, como por exemplo, a influência do capitalismo nas festas do ano, como carnaval, São João, etc., estas que antigamente eram comemoradas no tempo certo, ou seja, nas datas que delimitam tais comemorações, e hoje, com a influência cada vez mais intensa do capitalismo, fez com que elas se prolongassem para antes ou até mesmo depois das datas dessas festas, criando termos como “Carnaval fora de época”.

Nesse sentido, falar de Picos nas décadas de 1970 e 1980, era falar de uma cidade ainda em expansão, que não fornecia as opções de lazer para a juventude como na contemporaneidade, principalmente a pobre, isso segundo as críticas de alguns entrevistados,

como o Antônio José da Silva²⁶, de 55 anos, mais conhecido como “Piauí Ecologia”. Segundo o mesmo, que foi morador da rua 3 de Maio, localizada no centro de Picos, atualmente a cidade não mudou muito em relação às décadas aqui analisadas e demonstra, como a maioria dos entrevistados, um certo saudosismo a uma cidade que existiu e que viveu:

É a mesma cidade, só que cresceu. A única diferença é que aumentou os problemas. Então é complicado, cara quando você for dar uma palestra na universidade querer saber a história do passado hoje tem mais bar e o povo tem mais dinheiro... as coisas evoluíram no sentido do capitalismo, preferia antes, porque hoje o que tem de modernidade é pra te sugar, te escravizar, te endividar.

Como exemplo, é importante lembrar que nos anos de 2016 e 2018 foram inaugurados dois shoppings centers na cidade de Picos, esta que não tinha, até então, nenhum centro de compras com a magnitude de um centro de compras moderno. Em 2016, foi inaugurado o ‘Picos Plaza Shopping’, localizado no bairro Jardim Natal e em 2018, o ‘Piauí Shopping Center’, localizado na BR-316, próximo à Avenida Severo Eulálio.

Assim, podemos associar esse fato com a crítica feita pelo Piauí Ecologia quando o mesmo fala na “evolução” da cidade no sentido capitalista da coisa. Segundo o IBGE²⁷ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) a cidade de Picos é a terceira maior economia do estado do Piauí, porém nitidamente carece de mais espaços de lazer públicos para a população, como quadras poliesportivas, parques, e centros culturais como teatros, por exemplo.

1.1 Futebol

Ao analisarmos as entrevistas, alguns espaços públicos figuram com sociabilidades totalmente masculinizadas, tais como o futebol no Rio Guaribas ou em terrenos baldios, os bares e os ambientes, mais conhecidos popularmente como cabarés. Segundo Francisco Antônio da Silva, à beira do Rio Guaribas, como outros pontos da cidade era um dos locais que era utilizado para jogar bola. O futebol, para essa juventude, era uma das poucas opções de lazer naquela época.

A gente jogava bola em todo canto, a gente ia pro rio, num tinha ali a prefeitura? o rio era limpo a gente ia banhar aí tinha uma praia, só de areia e a gente ia jogar, enchia de gente, descia o pessoal da 3 de maio,

²⁶ Entrevista cedida por Antônio José da Silva, no dia 31 de agosto de 2019, às 16 horas, Morro da Mariana.

²⁷ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/panorama>

eu, Juvenal, Homim, Meninho. Chegando lá estava cheio de gente e a gente fazia o racha. Todo lugar tinha campo, a gente jogava também por trás do Cines Park, juntava com o pessoal da Rua Nova, meus amigos, Julim e seus irmãos, era muito bom, quase todos os dias jogávamos.²⁸

O Rio Guaribas aparece com frequência nas memórias dos entrevistados, falas sobre a adolescência, em relatos saudosistas de uma cidade que existiu, viveram e exerceram as suas sociabilidades. Piauí Ecologia fala da beleza e a importância do Rio Guaribas:

Até os 14 anos, a gente vivia, assim sabe, na maior inocência. A minha maior diversão era duas coisas: jogar bola e ir pro Rio Guaribas pescar, tomar banho, porque o Rio Guaribas é aqui na frente. Picos antigamente vinha pescadores de outros canto pra acampar aí na beira do rio pra pescar, então naquela época a gente via os peixe nadando na água, então minha maior diversão naquela época era o Rio Guaribas, e na beira do Rio Guaribas, nós tinha campo de futebol, pra tudo que era lado, então a bola era o dia todo.

Quando indagado sobre os espaços de diversão para a juventude, Antônio José da Silva faz uma dura crítica a falta de opções para praticar esportes na época e a carência na atualidade: “Eu fico até triste com essas perguntas, porque naquela época a gente não tinha quadra pra jogar bola, qualquer lugar que a gente fosse tinha um campinho, hoje os lugares que eram campinho, ou tá construindo ou está cercado.”

A fala de Antônio nos remete a um saudosismo característico de uma cidade que existiu e que o mesmo viveu e a aproveitou. Nota-se como ele enxerga o crescimento da cidade de Picos ao longo dos anos, e como os espaços de lazer foram desaparecendo aos poucos até existir uma carência desses espaços, nesse caso, terrenos baldios, para a brincadeira de infância/juventude.

Ao analisar os relatos de Antônio e de Francisco, ambos que residiam no bairro Centro, nota-se uma memória compartilhada entre eles que, junto com outros rapazes, ocupavam determinados espaços da cidade -terrenos baldios e a beira do rio Guaribas- para a prática do futebol que, diferente de hoje, era um esporte/brincadeira totalmente masculinizado (a).

Além disso, o Rio Guaribas tinha diversas funções além de levar água ao povo picoense, mas era utilizado de diversas maneiras, desde um meio de trabalho para as lavadeiras e os

²⁸ Entrevista cedida por Francisco Antônio da Silva, no dia 04 de outubro de 2019, às 16 horas, no Bairro São José).

pescadores, a um momento de lazer para a juventude picoense para jogar futebol, banhar e namorar.

Desta maneira, podemos notar os múltiplos usos de um mesmo espaço, neste caso, do Rio Guaribas. Como diz o geógrafo Roberto Lobato Corrêa, “O espaço urbano, como se indicou, é constituído por diferentes usos da terra. Cada um deles pode ser visto como uma forma espacial”.²⁹

1.2 Os bares

Outra sociabilidade totalmente masculinizada na época eram os bares, espaços destinados a homens pra jogos, bebedeiras e falar de futebol. A partir do depoimento de Francisco Antônio, foi possível construir um itinerário dessas sociabilidades, que vai desde os bares até as festas em clubes e discotecas. Dependendo do dia a sistemática mudava. Geralmente quando não tinha festas, a sociabilidade se dava primeiramente nos bares e posteriormente nos ambientes.

Alguns espaços de sociabilidades e lazer nas décadas de 1970 e 1980 na cidade de Picos, ao coletar as informações de nossos entrevistados, como o Francisco, percebemos que alguns locais de sociabilidade eram espaços frequentados praticamente pelo público masculino, como os ambientes e os bares.

Para os homens, os cabarés - casas de prostituição - se davam como uma sociabilidade totalmente masculinizada e tida, segundo alguns entrevistados como Francisco Antônio da Silva e Antônio José da Silva, como um grande local de lazer por parte da juventude picoense da referida época, sendo bem comum o uso daqueles espaços. Significava uma passagem da puberdade. Estes locais consistiam em uma espécie de separação entre sociabilidade e lazer masculino e feminino.

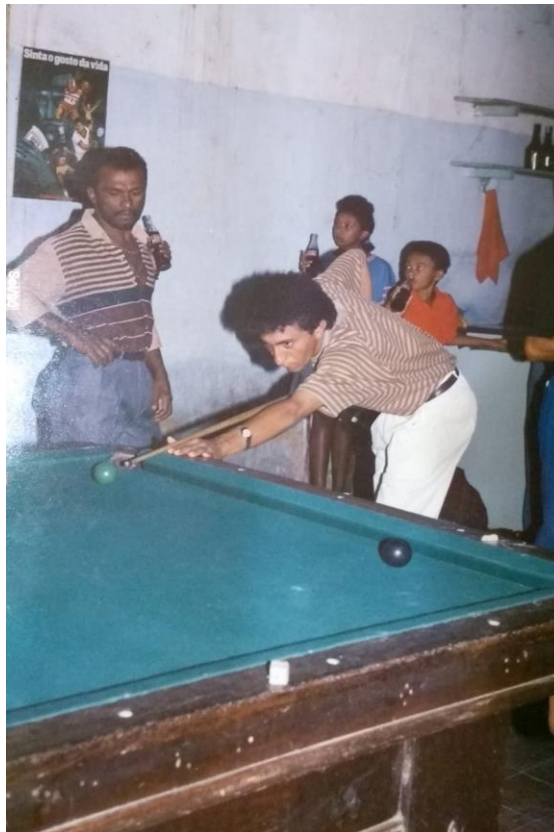
Como citado anteriormente, os bares, estes como um lugar de diversão e entretenimento para boa parte da juventude, sobretudo de homens. Na fala de Francisco Antônio da Silva é citada a presença de bares que o mesmo frequentava afim de se distrair, conversar com os amigos e claro, beber álcool. “Gostava de ir pro bar do finado pipoca, lá tinha sinuca, bebia, de lá a gente ia pros ambientes, dos ambientes a gente ia para as festas.”³⁰

²⁹ CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. 4 ed. São Paulo; Ática, 2000.

³⁰ Entrevista cedida por Francisco Antônio da Silva, no dia 04 de outubro de 2019, às 16 horas, no Bairro São José.

Este bar segundo o entrevistado, se localizava na praça Félix Pacheco, entre a atual loja de eletrônicos chamada Piauí Eletro e o Banco do Brasil do Centro da Cidade. Podemos afirmar que ele é uma continuidade as sociabilidades descritas pela historiadora Karla Íngrid no que tange as sociabilidades nas décadas de 40 a 60. Atualmente esse local funciona uma loja.

Fotografia 01: Francisco Antônio da Silva Jogando Sinuca no Bar de Pipoca.



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Antônio da Silva

A fotografia a cima pode enganar quem a vê, pois segundo o entrevistado, ao rever o registro fotográfico, era um local bem espaçoso, como relata: “era grande! Cabia 3 sinucas grandes no salão e tinha uns quartos lá pra dentro de o pessoal jogar baralho... essas coisas”.

Ao ser indagado sobre a fotografia, Francisco fala o porquê de ter registrado esse momento: “Aqui foi no dia 7 de setembro, eu andava mais Dima e aí eu tava jogando, aí apareceu uns fotógrafos lá aí eu mandei bater. A pose era pra mostrar que eu tava jogando sinuca.”

Ao ser indagado sobre quais os outros bares que este frequentava, “Gostava de Chicosa... Chicosa acabou... ficava perto do batalhão da Polícia, pra cá do batalhão, ali naquele beco de quem vai pro estádio? Ficava mais pra cá um pouquinho...”

Perguntado se nesses bares que socializava era frequentado por mulheres, Francisco nos revela que: “Só homem, não tinha mulher em bar não. Ia raramente pra beber porque lá vendia bebida, tinha as cadeiras pra beber, mas era mais homem porque tinha mais era jogo.”

Na comunidade Conselhos, localizada na cidade de Sussuapara, que na época era um distrito de Picos, José Trajino dos Santos, trabalhador da roça, também foi frequentador dos bares. Para ele, os bares eram um importante local de sociabilidade, pós dia de trabalho, pois não tinha muita opção de lazer, assim, iam para beber e bater papo com os amigos.

Aqui não tinha lazer, aqui a gente só trabalhava na roça e de noite quando tinha um barzinho a gente ia. Ia pro bar do Sula, ele funcionava o dia inteiro. Íamos a turma de rapaz, moça. Ia com meus amigos, birô birô, um pião. Comecei a tomar cachaça com 12 anos, o dono do bar vendia a bebida por debaixo dos panos e a gente ficava dentro do bar bebendo. Íamos pra ouvir música e tomar cachaça. Mulher era pouco e a gente era menino véi e as muié não queria a gente. Gostava das músicas de sucesso dos anos 70, 80, 90.³¹

Os bares constituem uma das mais comuns formas de lazer da época e muito provavelmente uma das mais responsáveis pelo consumo de bebidas alcoólicas precocemente, como foi no caso de José Trajino. O entrevistado também nos fala outro momento de lazer da época, que eram as serestas nesses mesmos bares. O mesmo lamenta que essa prática tenha diminuído muito com o passar do tempo e demonstra um grande saudosismo à referida época, que para ele era bem melhor que hoje.

Hoje mudou muita coisa, mas antes eram bom demais. Tinha seresta, hoje você não vê uma seresta, sentar numa mesa com sua namorada e o cara bater violão para você. Tinha muito aqui no bar do Evaldo. Nois participamos de tudo que era bom, hoje não tem mais, se acabou o que é bom! Acontecia mais nos fins de semana, nos domingos às oito horas e ia até meia noite. Ia todo mundo da comunidade.

Ao analisarmos a fala de José Trajino, podemos notar um forte saudosismo ao rememorar os tempos passados, algo comum a maioria dos entrevistados que sentem um forte apego as sociabilidades vividas no passado. Para a maioria deles, o passado sempre vai ser visto como o “tempo bom que não volta mais”.

No que tange ao bares como meio de lazer/sociabilidade, Raimundo Nonato Lima dos Santos, discutiu os espaços de sociabilidade em Teresina em sua tese de doutorado intitulada

³¹ Entrevista cedida por José Trajino no dia 26 de outubro de 2019, às 9 horas. Comunidade Conselhos, Sussuapara.

“Praticando espaços, entre acordes, letras e máscaras: História, memória e sociabilidades em espaços culturais de Teresina nas décadas de 1980 e 1990”³², que trata sobre as sociabilidades na cidade de Teresina- Piauí, que vem ao encontro da pesquisa realizada, na qual em Teresina concomitantemente à Picos, os bares consistiam em uma forma muito comum de sociabilidade entre os jovens da época, em especial o Bar Nós e Elis, tendo este no em homenagem a cantora brasileira de MPB, Elis Regina.

Essa tese de Santos através do olhar do autor nos ajuda a pensar um pouco as sociabilidades, espaços de lazer e o uso desses espaços em Picos e na região. Na mesma época, apesar de serem cidades bem diferentes, -a capital Teresina e Picos-, nota-se que, naquele momento, para as juventudes de Picos e de Teresina, existia uma sociabilidade em comum.

1.3 Os ambientes

Ao analisar de forma mais profundamente as sociabilidades da época, podemos perceber que os Ambientes, mais conhecidos popularmente como Cabarés, eram uma forma muito comum de sociabilidade entre os jovens entrevistados, praticamente apenas homens. Antônio José da Silva, vulgo Piauí Ecologia, disseram como eram esses Ambientes.

Muita mulher bonita cara, era um colado do outro. Lá onde é a cracolândia no galileu, ali tudo era brega, as casas tudo pintadinhas, tu entrava assim na frente piso limpinho. Tu ia comer uma puta, tu entrava no quarto delas vários vidros de perfumes. As putas mais lindas que essas mocinhas de hoje. Tinha sinuca, naquela época as meninas não davam, elas se guardavam pro casamento, hoje não se você quiser comer uma menina você anda com camisinha.

Nota-se na fala de Antônio, uma memória afetiva muito grande em relação aos ambientes de Picos, estes que rememoram momentos especiais vividos pelo mesmo, que vão desde o próprio ambiente dessas casas de prostituição, as próprias garotas de programa. Ademais, o entrevistado ainda fala sobre os diversos gostos e categoriza essas casas de prostituição e com que idade já começava a frequentar, desmitificando o moralismo imposto à época:

³² SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **Praticando espaços, entre acordes, letras e máscaras**: história, memória e sociabilidades em espaços culturais de Teresina nas décadas de 1980 e 1990. Recife-PE: UFPE, 2016. (Tese de doutorado em História – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CFCH, 2016).

O cabaré de picos era famoso várias músicas e pra vários gostos. Tinha pros ‘pés inchado³³’, e tinha aqueles pra você chegar tranquilo e sem muvuca, tinha pra todos os gostos. Ajudava as putas a carregar sacolas até pra dar uma foda, com mais ou menos uns 15 anos. Todo mundo ia pra cabaré, o falso moralismo sempre existiu.

Francisco Antônio da Silva, que também foi frequentador desses locais, que começou a visitar por volta dos seus dezessete anos, também fala de outros pontos que se localizavam esses Ambientes. Além disso, ele fala quando era realmente frequentado e sua relação com as demais sociabilidades.

Os ambientes eram na bomba, na rua São Pedro, a gente bebia, ficava com as mulheres lá, tirava onda. Todo final de semana eu ia mais Manelito, ia beber e se precisasse ficava com a mulher a gente ficava com a mulher, não necessariamente ia pra transar. Íamos pra beber e ouvir música. Picoense clube, as festas começavam de 12 horas em diante, a gente passava no bar de pipoca, tomava umas cervejinhas jogava um bingo, jogava uma sinuca e ia pro cabaré tomava duas cervejas e ia pras festas.

Em outro relato, Francisco nos revela além de outros locais que frequentava, como funcionava a sistemática até ir para os cabarés, “A gente ia pra praça, da praça ia para as festas, das festas a gente terminava e ia pros ambientes. Era duas horas, três horas... amanhecia o dia”. Quando perguntados onde se localizavam esses ambientes e qual o mais conhecido dentre todos os ambientes daquela localidade, ele nos diz:

Ali... num tem ali o depósito onde vende ovo? Ali, por ali? Aquela rua por dentro, onde ali está murada? Ali era tudo ambiente. Era uma rua cheia de casa... cada casa tinha um bar. Tinha... tinha um da esquina ali que está murado ali... Zé de Fátima, Cabaré de Zé de Fátima! Era lotado de gente, era bem grandão o cabaré. Passava música, a gente chegava, tomava uma cervejinha, aí ficava com a nega... Naquele tempo não tinha bandidagem não.

Esses ambientes relatados por Francisco se localizam nas ruas R. Cel. Raimundo Macêdo e a Rua Arame, no bairro São Vicente. Atualmente, essa localidade de Picos é chamada de Cracolândia, devido a intenso fluxo de usuários de entorpecentes, e um local regado de violência com assaltos, tráfico, prostituição e até homicídios cometidos nessa região.

³³ Alcoólatra

O recorte temporal aqui analisado se insere em um contexto de descoberta e de avanços importantes na medicina. Na década de 1980, o mundo descobria uma doença sexualmente transmissível, a AIDIS, provocada pelo vírus HIV e que até os dias atuais ainda não possui cura, apenas tratamento. A nível mundial, a AIDIS foi identificada pela primeira vez no ano de 1981, nos Estados Unidos.

No Brasil, essa doença foi identificada pela primeira vez no ano de 1983, no estado de São Paulo.³⁴ Doença esta que levou muitas pessoas à morte, desde pessoas desconhecidas até famosos como os Cantores Cazusa, Renato Russo e Freddie Mercury, que, por serem famosos, trouxeram a público o perigo e a preocupação com essa doença que na época era fatal.

Ao ser questionado sobre o medo ou receio de pegar doença, Francisco relata que: “Tinha doença, mas era pouca. As doenças que tinham era gonorreia, esquentamento que é quando vai mijar fica doendo o canal. As doenças era pouca, tomava medicamento. Tinha medo, mas era difícil de pegar.”

Perguntado como eles se protegiam e se já tinham ouvido falar sobre a AIDIS, “Usava camisinha, não tinha ouvido falar sobre, as doenças... era só essas mesmo gonorreia, esquentamento...” Francisco, ao ser indagado se já foi alguma vez contaminado por essas doenças relata:

Peguei esquentamento, crista de galo, que é... num tem a cabeça? Por dentro aqueles tipo caroço. Tomei medicamento e fiquei bom. Não lembro algum amigo pegou, mas sei que peguei esquentamento e crista de galo. Esquentamento quando você vai mijar fica doendo e sai pus. Me tratei com... tre... trex... sei lá... é uns comprimidos.

Ao ser perguntado a primeira vez que ouviu falar da AIDIS, ele nos diz: “Não me recordo...” Apesar dessa doença vir à tona, tirando inúmeras vidas, a fala do entrevistado demonstra uma certa despreocupação em relação as doenças que ele conhecia e que eram facilmente tratadas.

Para além dos ambientes descritos, a cidade, no tocante a sociabilidade masculina em ambientes de prostituição, ela se expandia para além do Centro e Bomba. William Mendes, em sua monografia intitulada: “Experiência, História e Memória da prostituição no Bairro Junco: 1980 a 2017”³⁵ abrange as experiências dessas garotas de programa e as transformações sociais

³⁴ <https://www.cartacapital.com.br/blogs/saudelgbt/aids-no-brasil-do-primeiro-caso-a-estruturacao-das-politicas-de-saude/>

³⁵ MENDES, William. **Experiência, história e memórias da prostituição no Bairro Junco: 1980 a 2017**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

ao longo dos anos nesse bairro, que fica longe do Centro da cidade, mostrando seus principais pontos de prostituição no bairro Junco.

A monografia do William é de suma importância para este trabalho, pois além de abranger a década de 1980, nos ajudam a enxergar a prostituição como sociabilidade comum entre os jovens masculinos nas épocas aqui analisadas. E além disso, nos ajuda mostrando outros pontos de prostituições, crescendo o imaginário da cidade, apresentando assim uma cidade grande-pois se afasta do Centro da cidade-, diversa e com sujeitos heterogêneos.

CAPÍTULO II: ONDE MULHERES E HOMENS SOCIABILIZAVAM

2.1 O Rio Guaribas

Segundo o Piauí Ecologia, apesar de homens e mulheres nas suas juventudes estarem separados, às escondidas eles se misturavam, como conta as suas experiências do Rio Guaribas, que era um local que era muito comum esses jovens irem.

Este que era uma das principais fontes de renda da cidade de Picos, pois era onde se plantavam alho, cebola, etc. Muitas lavadeiras aproveitavam as águas limpas para levarem suas trouxas de roupas para lavar. Desta forma, o Rio Guaribas era uma espécie de imã, parafraseando a arquiteta e urbanista brasileira Raquel Rolnik³⁶, ou seja, ele atraía a população para usufruir daquele espaço. Muitos jovens também faziam diversos usos deste ambiente, como o seu Antônio José da Silva:

Não ia só fumar maconha, o rio era bom porque era bom! Era uma água limpa. Uma cidade cheia de calor, imagina uma cidade com o rio limpo como era antes? Você entrava sem medo, aquele monte de lavadeira, tá entendendo? Porra meu! Quantas gatinhas eu não peguei quando era moleque que a gente ia comer no rio cara, han?

Em relação aos namoros, vida de adolescente no Rio Guaribas, Piauí Ecologia descreve mais de como usufruíam desse importante Rio para a economia e sociabilidade do povo picoense na época:

Era diversão, han? Hoje mesmo eu encontro um monte, ‘ahhh, dona fulana’, tudo bem, mas a gente fudeu³⁷ na beira do rio cara, teve algumas que, sabe... então tinha muito disso também. Pescar, jogar bola e é isso aí cara, a gente caía nas roças, tinha pé de manga, ciriguela, o dono botava pra correr.

2.2 Bar do Evaldo

Apesar dos bares serem locais tipo como locais masculinizados, em duas entrevistas, José Trajino e Maria Rodrigues Martins Silva, citam o Bar do Evaldo como sendo além de um

³⁶ ROLINK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203)

³⁷ Prática de sexo

local de sociabilidade em comum, lugar de sociabilidade em comum. Este bar se localizava no bairro Umari em Picos.

Maria Rodrigues, moradora do bairro São José também foi frequentadora do bar do Evaldo que indicam os entrevistados que se tratavam de um ponto de encontro importante para a juventude, -homens e mulheres- este que era localizado próximo do bairro Umari em Picos.

Nós ia pro lado do Umari pro bar do Evaldo, todo domingo... era a febre. Era um bar, danceteria, era cheio de gente, muito carro, muita gente ia de manhã, comia lá, era tipo uma churrascaria. Final de semana e feriado era sempre lotado, era tranquilo, todo mundo amigo, mas sempre tinha um, dois pra fazer confusão, mas a gente se afastava.

Analisando a fala dos dois entrevistados, podemos perceber que para alguns moradores, apesar de residirem em locais distintos, os bares eram uma importante forma de sociabilidade e, no caso de Maria Rodrigues e José Trajino, um bar em comum era frequentado por ambos, o Bar do Evaldo localizado próximo ao bairro Umari.

Apesar de ser uma sociabilidade tida como masculinizada, em alguns locais os bares eram também frequentados pelo público feminino em fins de semana, o que também nos remete a uma heterogeneidade dos bares da cidade de Picos, sendo o bar do Evaldo, por exemplo, ocupado de forma diferenciada do Bar do Pipoca, por exemplo.

2.3 As danceterias

Nessa perspectiva, nota-se que outra importante local de sociabilidade da época eram as danceterias, na qual eram um ponto de encontro da juventude, para beber, se distrair, jogar sinuca e conversar sobre futebol. Era além do mais, um ponto de encontro entre homens e mulheres, no qual, antes separados pelos ambientes e os bares, agora ambos os sexos tem uma sociabilidade em comum que são as danceterias e as festas.

Em entrevista, Francisco Antônio da Silva nos fala de alguns pontos em que o mesmo frequentava em sua juventude, um desses pontos era a discoteca “Lá em casa”, localizada na Rua Tv. Firmino Rodrigues no centro de Picos. Atualmente no antigo prédio funciona a Igreja Internacional da Graça de Deus.

Me divertia nas festas, nas boates, no tropico, Discoteca Lá em casa. A discoteca “Lá em casa” era dança, bebida, você namorava. As músicas eram pra dançar solto. Se a gente arrumasse uma paquera já começava a se agarrar, a namorar... era assim. Tinha um jogo de luz, bebida,

dança, muitos amigos... iam o pessoal tudim, meus amigos e amigas da 3 de maio, conhecidos. iam mais no sábado pro domingo. Saíamos cedo no sábado 10, 11 horas e já começava o baile até amanhecer o dia.

Fotografia 02: Local onde era a sede da discoteca “Lá em Casa”



Fonte: Arquivo pessoal Jeferson Rubens

Outro importante local identificado foi um estabelecimento de festas chamado Tropicó, localizado na Rua Hilda Policarpo no Canto da Várzea, atualmente o local deu lugar a uma residência.

O tropicó era mais agitado, era pequeno, mas lotado de gente, espaço pequeno a gente bebia, brincava, tinha música de todo tipo, brega, lambada, discoteca também. Era só uma sala e um muro com cadeiras, a gente ia geralmente no sábado ou no domingo, era lotado de gente.

Fotografia 03: Jovens reunidos no Tropicó



Fonte: Arquivo pessoal de Socorro Costa

Na fotografia, nota-se o local pequeno e cheio de cadeiras descrito por Francisco, muito provavelmente o muro descrito pelo entrevistado. Infelizmente, registros fotográficos não eram tão comuns como hoje e todos os entrevistados não possuem registros fotográficos da no referido local, desta forma encontrou-se registros de outra pessoa.

Mas também, havia jovens que não gostava o Tropic, era o caso da Maria da Purificação Conceição. Segundo esta, não gostava desse ambiente e ao falar dele relatou:

Tinha um local perto do quartel de polícia que tinha festas aos domingos, mas eu não gostava... ‘trop’, ‘tropic’, não gostava, lá era muito bagunceiro! Ave maria, bagunça muita! E lá o lugar era pequenininho, escuro, aquelas luz que ficavam piscando, não gostava não. Eu ia pra missa, no domingo, e 10 horas ia pra casa.³⁸

Fotografia 04: Local onde se localizava o Bar Trópico dá lugar a uma residência

³⁸ Entrevista cedida por Maria da Purificação Conceição a Jeferson Rubens em Picos, no dia 21 de agosto de 2019



Fonte: Arquivo pessoal de Jeferson Rubens

Outro ponto importante de festas e sociabilidade da juventude picoense era uma casa de festas chamada: “Casarão”, que ficava localizada ao lado da prefeitura municipal de Picos, localizado na Rua Padre Madeira, no centro da cidade. Francisco Antônio nos relata como era esse local: “Era um clube... botava festa lá... na semana era só som e... no final de semana os conjuntos tocava. Os conjuntos eram banda... Mc 8, era, era.. Bala de prata, era, era... esses conjuntos de fora. Eu ia pras festas mais em fim de semana”.

Indo ao encontro de Francisco, aparece outro jovem na época que gostava desse local, trata-se Pedro Rodrigues Martins. Ele destaca os bingos nas casas e as festas dos “conjuntos” musicais, “essas festas eram boas demais para frequentar, dançar, a bebida era pouquinha, bebia poucas coisas e o negócio era só namorar.”

Os tipos de festas frequentes na cidade, abordadas por Pedro, eram regadas a bebidas quentes, os jovens, bebiam escondidos ou junto com seus pais, o que ajudava na hora de conseguir um par, pois mesmo estando a pé, segundo o nosso entrevistado, havia um interesse mútuo, “antigamente você andava de pé e quando uma menina se interessava por você para namorar pouco importava a questão de ter carro ou moto hoje em dia o grande interesse são os bens materiais.”

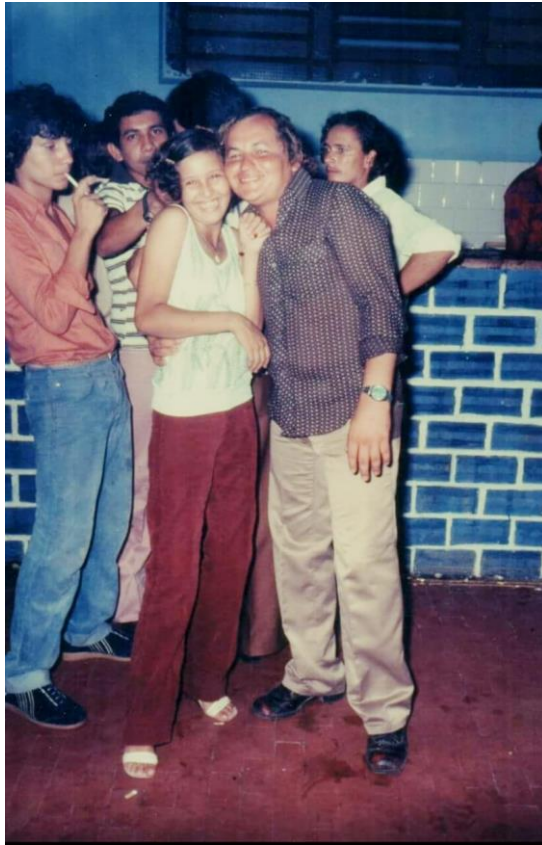
Nesse sentido, podemos perceber a crítica feita por Pedro no tocante ao namoro atual. A visão romantizada dele mostra uma memória afetiva muito forte na qual as paixões comandavam as paqueras e não a questão financeira, esta última que é fortemente criticada nos dias atuais.

Fotografia 05: Jovens reunidos no Salão de festas conhecido como Casarão



Fonte: Arquivo pessoal de Socorro Costa

Fotografia 06: Mais jovens reunidos no Casarão



Fonte: Arquivo pessoal de Socorro Costa

Fotografia 07: Sede do Casarão dá espaço para um estacionamento



Fonte: Arquivo pessoal- Jeferson Rubens

2.4 Festas

As festas aqui retratadas assumem uma dimensão diferente ao analisarmos o que se associa a festa no contexto atual. Maria Rodrigues Martins Silva relata a diversão que eram as das festas juninas e de como eram alegres e esperadas ansiosamente pelas disputas sadias de ver qual a melhor quadrilha. “Cada bairro tinha sua quadrilha. Seu Chagas no bairro bomba, Malva FiFi, pro lado da Rua Nova, tinha a quadrilha de Neguinha. Quando a quadrilha era muito boa as pessoas pediam bis, aí quase todo ano tinha disputa pra ver qual a quadrilha melhor.”

Nesse sentido, expandindo o perímetro de análise, havia quem se interessasse por festas em outros lugares, como nos interiores. Esses locais mais distantes da cidade eram de preferência de alguns jovens, como Albina Rodrigues Martins, esta que preferia os forrós nos interiores do que as festas na cidade. Muito do estilo musical e do ambiente desses interiores favoreciam a sua preferência perante as festas da cidade.

As festas no interior era assim, eu ia mais para as casas das colegas, os interior depois de Santana, aí tinha os forrós... aí pediam a minha mãe para ela deixar eu ir. Geralmente íamos o sábado e voltávamos no domingo. Era os forrós pé de serra, aí era a noite todinha, dançava, quem arrumasse um namorado bem, quem não arrumasse passava a noite dançando, mas não faltava era pretendente para você dançar. Sabíamos das festas no boca-boca, falavam ‘ei Albina, vai ter festa e tal lugar’, era assim por amizade em Picos e no Interior. Algumas amigadas aqui no bairro tinham parentes no interior, isso ajudou.

Com as entrevistas realizadas, um fator foi perceptível, a relação do tempo e sua influência sobre a memória dos entrevistados, essas lembranças acabaram por sofrerem decréscimos, como por exemplo, não lembrarem o nome de alguns locais, horário das festas, nome de algumas pessoas. Alessandro Portelli³⁹ em “O momento da minha vida: Funções do tempo na história oral” traz um trecho que explica a afirmação à cima.

Os mitos mudam, apesar de seus donos os perceberem como imutáveis, justamente porque a tarefa deles é mostrar que é possível resistir as mudanças do tempo. As histórias de vida e os relatos pessoais dependem do tempo, pelo simples fato de sofrerem acréscimos e subtrações em cada dia da vida do narrador.

³⁹ PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. P. 298

Albina Rodrigues Martins fala com entusiasmo como eram as festas juninas na cidade, esta que era a época favorita dela. O São João, este que é comemorado no dia 24 de junho e, nesse período, acontecem muitas comemorações, também conhecidas como festas juninas, com danças, brincadeiras, fogueira, etc.

São João... esse eu participei muito, eu brinquei oito aos consecutivos, era a brincadeira que eu mais gostava do ano era o São João. Pra ter ideia quando chegava o São João eu já estava com a minha roupa separada. Era uma coisa que eu gostava demais, São João. Ahh eu me perdia, dancei muito.

Fotografia 08: Albina Rodrigues no São João na sede 13 de Maio, do Seu João, no Bairro São José em junho de 1987



Fonte: Arquivo pessoal de Albina Rodrigues

Ao analisarmos a fotografia de Albina Rodrigues na sede 13 de Maio, localizada na Rua Luiz Nunes, no Bairro São José, podemos perceber em um primeiro momento a simplicidade do local: chão de cimento, paredes mostrando os tijolos, as bandeirolas muito provavelmente feitas de outros materiais, pois as cores não combinam e uma estampa é de uma loja, o Armazém

Paraíba. Nota-se roupas simples, porém cheias de cores e alegria, o que mostra o amor pelo São João descrito por Albina.

Albina⁴⁰ ainda fala dos locais que a mesma mais frequentava nessa época:

Era mais na rua Luiz Nunes, na 3 de maio, dancei muito no seu Chagas na rua São Sebastião, dancei muito. Todo ano tinha esse do seu Chagas. Tinha a passeata nos caminhão, outro ao a noiva ia no jumento e era assim, fazia uma passeata toda na avenida, voltava pra casa, jantava e umas seis horas começava. Geralmente ia até nove horas. Depois as festas iam até três da manhã, ou era sanfoneiro ou os conjuntos.

Desta forma, podemos perceber uma análise do capitalismo no natal, páscoa, carnaval e em diversas outras comemorações. Nos tempos das quadrilhas não é diferente, e essa questão é percebida pela Albina, que tece uma crítica a respeito: “Hoje o pessoal faz o São João fora de época, para arrecadar dinheiro, você vê que o São João só tem sentido se for na época em junho e o início de julho, mas hoje o pessoal faz até agosto, fica sem sentido”.

Ao analisar a crítica da entrevistada notamos que em tal festa as quadrilhas tem sido mais substituídas por shows ditos ‘comuns’, para arrecadar mais dinheiro. Essas festas em alguns lugares, vão até o meio do mês de julho, fazendo uma espécie de festa fora de época. Nesse sentido, a fala de nossa entrevistada se mostra lúcida ao comparar o contexto daquela época com o que vive atualmente.

As festas juninas na cidade de Picos para esses jovens consistiam em uma divertida e importante sociabilidade na qual a juventude picoense e, pelo que se pode perceber, uma juventude mais pobre gostava e atribuíam um valor imenso a essas festas, que por sinal sobrevive aos dias atuais. Porém, se analisarmos cuidadosamente, vemos que principalmente nesses bairros anteriormente descritos, São José e Morada do Sol, a paixão por essa data diminuiu e o modo de se comemorar mudou um pouco pois são raras as quadrilhas vistas nesses bairros, sendo mais comum festas e diversos locais.

Maria da Purificação, nos relata algumas festas que a mesma ia. Lugares como o 3 BEC e as Indústrias Coelho, antiga indústria têxtil da cidade de Picos. Festas que, segundo a mesa eram embaladas ao som de cantores que faziam muito sucesso naquele tempo como Fagner, Amado Batista, Sula Miranda, etc. Festas essas que segundo a entrevistada, começavam cedo,

⁴⁰ Entrevista cedida por Albina Rodrigues Martins, no dia 28 de setembro de 2019, às 10 horas, no Bairro São José.

mais ou menos às 21 horas e acabavam perto das 00:00 horas. Ao falar como ia para as festas no 3º BEC,

Mas as festas que eu ia era no 3º BEC. Eu ia com minhas amigas que trabalhavam assim em outras casas de família. Ficava assim eu mais quatro e a gente ia num ônibus, tinha um ônibus, tinha um ônibus que levava. Agora pra voltar a gente tinha que se virar. Pegava o ônibus na praça Félix. Às vezes tinha um ônibus que levava e esperava a festa terminar. Que ali pegava os nomes das pessoas né... ‘fulano de tal’..., mas não lembro o valor... mas eu gostava. 3º BEC, indústria Coelho... eu gostava.

Ao se analisar a fala da entrevistada, notamos primeiramente as companhias que a mesma tinha, colegas de profissão, o que indica que havia uma divisão social no meio das amizades. Em segundo lugar, notamos sobre a volta após as festas que nem sempre era fácil, as vezes encontrando dificuldades e esperando em algumas oportunidades até o dia amanhecer. Apesar disso, ao ser indagada se havia distinções sociais, a mesma nega ao falar: “Não tinha esse negócio não... lá tinha muito espaço, tinha piscina... todo mundo misturado... Não via isso de rico e pobre não, não prestava atenção.”

Outro local de festas descrito pela entrevistada era a antiga Indústria Coelho, que foi uma importante fábrica situada no bairro Pantanal da cidade de Picos, que encerrou a sua atividade no ano de 2012. Segundo a entrevistada, “Muito seguro! Tinha bebedeira, mas eu não gostava, tinha quele pessoal que levava os litros, mas eu ficava muito distante, achava muito perigoso quebrar uma garrafa daquelas aí eu ficava distante...”

Como importante meio de comunicação, o rádio era o veículo que, segundo Maria da Purificação, era um dos meios onde ficavam sabendo das festas através da Rádio Difusora de Picos: “A gente ouvia na rádio Difusora, quando cheguei já estava construindo, ia fazer um ano que eu estava trabalhando aqui iai foi na inauguração dela e a gente ouvia. Ou então sei lá como era aquilo ali, colocava uns avisos era.”

CAPÍTULO III: A CIDADE DOS TRABALHADORES: OS JOVENS, O TRABALHO E SUAS VIDAS

Neste capítulo, iremos enxergar esses jovens e o trabalho, afim de tentar identificar como o trabalho influi nas suas sociabilidades. Esses jovens que eram e ainda são trabalhadores, assim buscaremos saber um pouco mais de suas vidas por meio de qual profissões exerciam naquela época. Nota-se que o trabalho estava diretamente associado ao lazer e com as suas vidas.

Maria da purificação, ao vir para a cidade de Picos passou a trabalhar em casa de família aos 19 anos de idade, mais precisamente na casa da família do filho da dona da Farmácia Iná, o Seu Aciomar, bancário no Banco do Brasil. A residência se localizava no centro de Picos e próximo onde atualmente existe a Sorveteria “Zé do Alho”. Viera a Picos para trabalhar como babá de uma criança que estava prestes a nascer.

A sua rotina de trabalho era das 6 da manhã até às 19 horas, posterior a esse horário, estaria livre para exercer a sua sociabilidade. Às vezes mesmo quando tinha vontade de sair de casa, ela relata a negativa de sua patroa: “Mas assim, quando eu queria sair eu dizia: ‘vou sair’ e ela dizia um: ‘não’. Mas quando eu conseguia ela dizia pra não demorar, pra chegar em tal hora. Ia pra casa da minha tia.” Tal fala de sua patroa demonstra uma coisa muito importante: o fato do trabalho, lazer e sociabilidade serem totalmente ligados, nunca se separando.

Dona Puri, como hoje é chamada carinhosamente pela comunidade ufpiana, também relata que, diferentemente da relação com o patrão, não tinha um bom relacionamento com a patroa, chegando a relatar que mesmo a sua mãe chegando, as vésperas do dia das mães, esta que uma vez foi impedida pela patroa de encontrar com sua mãe.

Ele era muito bom, só que a mulher dele era muito, ela não queria que eu saísse nem na porta... se chegasse uma irmã minha, minha mãe ela não deixava entrar... Outro dia eu me lembro como se fosse hoje veio a minha mãe nas vésperas de dia das mães pra ficar aqui com a gente. A minha mãe chegou na segunda-feira, iai ela foi lá em casa, iai ela tinha chegado do banco, que ela era bancária também, aí eu disse minha mãe tá aqui fora... ‘não! Mande ela ia pra casa da sua tia, depois você vai lá e vê ela’... foi isso.

Como relatado anteriormente pela própria Maria da Purificação, o rádio, com os seus diversos papel sociais, levava a informação de como a mesma ficava sabendo das festas. A mesma que, em relato, ficava sabendo no seu próprio trabalho através de um radinho pequeno da patroa, “‘Dona Antônia, deixa eu ouvir o rádio?’ Mas as vezes nem nisso ela queria que ligasse o rádio não, mas mesmo assim o esposo dela falava: ‘não, dá pra ela’”. Podemos

perceber que um dos meios para se saber dos avisos de festas era por intermédio do trabalho nessa relação patrão-empregado. Hoje a mesma é zeladora da Universidade Federal do Piauí.

Partindo para outra fonte deste trabalho, Albina Rodrigues relata ainda que outro local que geralmente ia era as vaquejadas no Bairro Parque de Exposições. Durante essas festividades, que geralmente aconteciam no mês de maio, ela e seus irmãos iam para vender bebidas no quiosque que sua mãe, Maria Rodrigues Martins, geralmente instalava. O lazer e o trabalhos para essa juventude, nesse caso específico da Albina, pode notar a diversão e ao mesmo tempo a preocupação em ajudar a sua mãe nesse trabalho informal.

Eu ia pra ajudar, para vender bebida, pra ajudar lá. Eu curtia, eu dançava um forró por perto, não perdia, trabalhava, mas quando tinha tempo e tinha uma pessoa que ficava mais mãe, finada Chiquinha ou Martin sempre quando tinha uma pessoa eu ia dançar um forró lá no Bar Oficial.

Fotografia 09: Albina Rodrigues com sua mãe, Maria Rodrigues e seu irmão Martinho Rodrigues Martins no seu quiosque durante uma Vaquejada no Bairro Parque de Exposições, Picos-PI.



Fonte: Arquivo pessoal de Albina Rodrigues.

Ao se analisar a fotografia, Albina Rodrigues Martins, juntamente com sua mãe, Maria Rodrigues e seu irmão Martinho Rodrigues, podemos notar primeiramente o ambiente simples ao qual essa família trabalhava. O balcão constituído de tábuas e de caixotes de cerveja e as paredes de palha de coco. O trabalho e a diversão estavam intimamente ligados.

O que para uns era uma ocasião festiva, com objetivo de se divertir, namorar, conhecer novos amigos, para outros era também uma oportunidade de complementar a renda de casa, vendo como a oportunidade lucrar com a venda de algumas mercadorias, como bebida quente. Hoje a mesma se encontra desempregada.

Outra sociabilidade descrita por Maria da Purificação era o antigo cinema de Picos, o Cines Park. Este aparece como um local muito frequentado pela elite, mas que a mesma também frequentava: “Ia no cinema, eu gostava também... tinhas os dias, eu gostava. Era bem tranquilo, a gente assistia aquele filme, terminava umas 10 horas, aí a gente ia pra casa, mas era bem tranquilo mesmo. Tinha dia que lotava.” Nota-se que apesar de ser um espaço que nem todos os jovens tinham acesso a mesma as vezes frequentava.

Dona Puri nos fala de que forma conseguia os ingressos:

Quando queria assistir a minha patroa me perguntava e eu dizia que queria ir, ou a minha tia me perguntava e ali mesmo elas comprava, só sei que elas levavam os ingressos pra gente. Minha tia mesmo que comprava e dizia: ‘vão e tal hora é pra vir.’ Mas ela botava o ingresso na mão da gente e dizia: ‘Foi tanto’. Mas era muito bom, o Cines Park.

Tal observação se constitui uma continuidade no ser mulher em Picos quando se analisa a dissertação da historiadora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira.

Fotografia 10: Fachada do cinema Cine Spark



Fonte: Foto Varão-memórias

Francisco Antônio da Silva, desde criança começou a trabalhar. O seu primeiro trabalho foi como jardineiro em casa de família e este nos relata os seus primeiros empregos:

Dos nove anos a os quinze anos. Saí de lá pra trabalhar na Indústria Coelho. Arrumaram uma vaga pra mim na Indústria aí com dezesseis anos comecei a trabalhar na Indústria. Foi Mury e Dedé que trabalhava lá, que era amigo do filho de Zé Martins. Comecei carregando canela. Canela é aquele negócio que enche... bota a linha. Era carregando e levando para as máquinas. Depois veio uns caba de Alagoas pra treinar o povo, os tecelão, aí eu fui pra aprender a ser tecelão. Aí com 17 anos eu assinei a carteira”

Percebe-se que desde criança, a questão do trabalho foi algo frequente em sua vida. Este que tem pouco estudo, trabalhou por mais de trinta anos como tecelão. Atualmente, Francisco é aposentado.

Antônio José da Silva (1964-2020), também conhecido como Piauí Ecologia, quando jovem foi brevemente trabalhador de serviços gerais no Hospital Regional de Picos, a posteriori foi um artesão conhecido relevantemente no cenário nacional por seus posicionamentos críticos, sempre tendo como pauta principal a natureza, sua preservação e críticas políticas.

Ademais, por ser diferente das demais “cabeças” da época, por fumar maconha e beber cedo com uns amigos, estando inserido em um contexto de ditadura militar, este faz um relato do preconceito por parte da sociedade de Picos com ele e com os seus correligionários:

Era muito difícil porque a gente ia pra delegacia sem ter feito nada de errado. ‘Ahhh mexeram na casa dos outros’. ‘Ahhh tem uns moleques traquinos na beira do morro’” Naquele tempo até se falasse, maconha se os homi⁴¹ ouvissem você ia até a delegacia pra explicar, era regime. Eram mal vistos por isso, mas éramos meninos bons, era perseguição.

Antônio José da Silva, vulgo Piauí Ecologia, foi artesão, profissão que exerceu a maior parte de sua vida, boa parte em São Paulo, e nos últimos anos de sua vida, em Picos, sua cidade natal.

Os demais jovens trabalhadores eram: José Trajino dos Santos este que desde criança, até a época que foi entrevistado sempre trabalhou na roça como agricultor na comunidade Conselhos. Maria Rodrigues, filha de pedreiro e dona de casa, esta que antes de se tornar tecelã trabalhou em uma creche no bairro Aerolândia, atualmente é dona de casa. Pedro Rodrigues, filho de pedreiro e dona de casa, que desde cedo iniciou a trabalhar em oficina mecânica-profissão que atua até hoje, e Lúcia Maria, filha de mãe lavadeira de roupas, que desde muito jovem veio a trabalhar em casa de família e atualmente é aposentada e dona de casa.

Ao se empenhar neste trabalho, podemos perceber que a história oral tem sua grande importância, pois a gente aprende muito enquanto entrevista, transcreve e interpreta as entrevistas feitas. Para terminar, Portelli nos diz que: “Trata-se de uma experiência de aprendizagem para nós, para o historiador, e é uma experiência em que a relação entre quem ensina e quem aprende se inverte, se troca.”⁴²

A concluir, faço das minhas as palavras de Thompson:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existem e entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história - seja em livros, museus, rádio ou cinema - pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.⁴³

⁴¹ Expressão popular de chamar a polícia

⁴² PORTELLI, A. “História Oral e Poder”. Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH. Fortaleza, CE, 13.07.2009. p. 5

⁴³ THOMPSON, Paul, 1935- “A voz do passado/ história oral/ Paul Thompson”; 2ª edição, Lólio Lourenço de Oliveira- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. P. 119

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi analisado nesta monografia, podemos perceber nas entrevistas realizadas que a cidade de Picos, nas décadas de 1970 e 1980, assim como na atualidade, era constituídos por jovens heterogêneos, com pensamentos diversificados, desde jovens que fugiam à conduta de “bom cidadão”, a jovens boêmios nos bares, jovens que gostavam de festas desde carnaval, São João, etc. e jovens mais recatados que não praticavam muito a sociabilidade. Mas todos tinham algo em comum: as suas condições financeiras.

Percebemos algumas diferenças no ser jovem em Picos nas referidas décadas e na atualidade. Como um dos entrevistados deixou claro, o sexo com jovens que não eram prostitutas não era tão comum, sendo mais usado os ambientes de prostituição como um meio masculinizado de obter prazer. Atualmente, segundo Antônio José da Silva basta: “e você quiser comer uma menina você anda com camisinha.”

Diante de todo o relato, conseguimos identificar alguns lugares que esses jovens pobres iam para se divertir, tais como: Trópico, Casarão, Discoteca Lá em Casa, festas sazonais como Carnaval e São João e festas nos interiores. Os bares que era um dos locais de sociabilidade que estes jovens mais frequentavam, principalmente homens.

Atualmente os bares também constituem um local de sociabilidade comum, porém, o público feminino se faz mais presente nesses espaços, muito devido a alguns avanços nas lutas das mulheres. Porém, antes o modo de sociabilidade em alguns desses locais era diferente do atual. Como diz José Trajino, as serestas que eram muito comuns, tenderam a diminuir consideravelmente, porém não desapareceram.

No tocante a Picos nas décadas de 1940 a 1960, temporalidade analisada por Karla, alguns locais, nas décadas de 1970 e 1980 segundo os relatos de alguns entrevistados continuaram, tais como o Bar do Evaldo, localizado na Praça Félix Pacheco, o Cines Park, que apesar de ser um local mais elitizado, alguns entrevistados como Maria da Purificação também frequentavam.

Notamos também a influência do capitalismo atualmente, tanto nas festas sazonais como na própria vivência de Picos, ligando assim aos relatos obtidos das entrevistas de Antônio José da Silva e Albina Rodrigues Martins, ao criticarem a influência do capitalismo mediante a falta de lazer gratuitos e nas festas como o São João e o Carnaval.

FONTES ORAIS:

SILVA, Francisco Antônio da. **Entrevista concedida a Jeferson Rubens da Silva.** Bairro São José, Picos, 17 de novembro de 2019.

SANTOS, José Trajino dos. **Entrevista concedida a Jeferson Rubens da Silva. Comunidade Conselhos, Sussuapara,** 26 de outubro de 2019.

SILVA, Maria Rodrigues Martins. **Entrevista concedida a Jeferson Rubens da Silva.** Bairro São José, Picos, 17 de novembro de 2019.

MARTINS, Albina Rodrigues. **Entrevista concedida a Jeferson Rubens da Silva.** Bairro São José, Picos, 28 de setembro de 2019.

SILVA, Antônio José da. **Entrevista concedida a Jeferson Rubens da Silva.** Morro da Mariana, Picos, 31 de agosto de 2019.

CONCEIÇÃO, Maria da Purificação. **Entrevista concedida a Jeferson Rubens da Silva.** Bairro Parque de Exposições, Picos, 21 de agosto de 2019.

SILVA, Lúcia Maria. **Entrevista concedida a Jeferson Rubens da Silva.** Bairro Passagem das Pedras, Picos, 2 de janeiro de 2021.

MARTINS, Pedro Rodrigues. **Entrevista concedida a Jeferson Rubens da Silva.** Bairro São Vicente, Picos, agosto de 2017

SITES:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/panorama>

<https://www.cartacapital.com.br/blogs/saudelgbt/aids-no-brasil-do-primeiro-caso-a-estruturacao-das-politicas-de-saude/>

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available from SciELO Books
- CARVALHO, Mara Gonçalves de. **Picos: história, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970)**. Teresina: UFPI, 2015. (Dissertação de Mestrado em História do Brasil – Universidade Federal do Piauí).
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo; Ática, 2000.
- Juventude e Contemporaneidade**. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).
- MENDES, William. **Experiência, história e memórias da prostituição no Bairro Junco: 1980 a 2017**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.
- OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. **A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960**. Teresina: UFPI, 2014. [Dissertação (mestrado em história do Brasil) - Universidade Federal do Piauí, 2014.]
- Portelli, A. “**O tempo da minha vida’: funções do tempo na história oral**”. Na morte de Luigi Trastulli e outras histórias: forma e significado na história oral. Nova York: State Universidade de Nova Iorque, 1991, p. 162-180
- PORTELLI, A. “História Oral e Poder”. Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH. Fortaleza, CE, 13.07.2009.
- ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203)
- SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **História, memória e identidade na cidade de Timon na década de 1980**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2007.
- SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico**. MÉTIS: história & cultura – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007
- THOMPSON, Paul, 1935- “**A voz do passado/ história oral/ Paul Thompson**”; 2ª edição, Lólio Lourenço de Oliveira- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

HOMENAGEM



Antônio José da Silva, também conhecido como “Piauí Ecologia” foi a inspiração para esta monografia. Ativista do meio ambiente e artesão, foi um homem que amou a cidade de Picos como nenhum outro morador. Hoje deixa saudades nos familiares, amigos e admiradores que conquistou em todo o Brasil.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, **JEFERSON RUBENS MARTINS SILVA**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **Relações sociais e Espaços de lazer de jovens pobres em Picos nas décadas de 1970 e 1980** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 5 de maio de 2021.

Assinatura